



A epistemologia e o método da teologia da libertação no pensamento de Clodovis Boff

The epistemology and method of liberation theology according to Clodovis Boff

Agenor Brighenti*

Resumo

Este artigo pretende oferecer uma síntese dos principais elementos que caracterizam a epistemologia e o método da Teologia da Libertação, no pensamento de Clodovis Boff, autor que deu à Teologia da Libertação sistematização de sua semântica e de sua sintática. Em seus escritos em relação à questão, cronologicamente, identificam-se três fases distintas: a Teologia da Libertação como Teologia do Político (1), a libertação como perspectiva de uma teologia global, (2) e a Teologia da Libertação como libertação *na* Teologia (3). Entre os elementos selecionados para esta abordagem sintética estão: a questão da identidade da Teologia da Libertação em relação a outras teologias, o ponto de partida da articulação do discurso teológico, o lugar do pobre na epistemologia da teologia e as mediações teóricas do método da Teologia da Libertação. O texto, em grande medida, reproduz o pensamento do autor, privilegiando, o máximo possível, citações textuais de sua ampla e consistente bibliografia sobre a questão.

Palavras-chave: Teologia. Libertação. Método. Fé. Pobre.

Abstract

This article aims to present an overview of the main elements which characterize the method and epistemology of Liberation Theology, according to Clodovis Boff's view. It was him who provided Liberation Theology with the systematization of its semantics and syntax. In his writings on the issue, chronologically, three distinct phases can be identified: Liberation Theology as the Politician's Theology (1); the liberation as a global theology perspective (2); and Liberation Theology as the liberation *in* Theology. Among the selected elements are: the identity of Liberation Theology in relation to other theologies; the starting point of articulation of theological discourse; the place of the poor in the epistemology of theology; and theoretical mediations of the Liberation Theology method. The text reproduces the author's thought, focusing as much as possible, textual citations of his extensive and consistent bibliography on the issue.

Keywords: Theology. Liberation. Method. Faith. Poor.

Artigo recebido em 15 de setembro de 2013 e aprovado em 02 de dezembro de 2013.

* Doutor em Ciências Teológicas e Religiosas pela Universidade de Lovaina, Coordenador da Pós-graduação em Teologia da PUC Paraná. Presidente do Instituto Nacional de Pastoral da CNBB e membro da Equipe de Reflexão Teológica do CELAM. Brasil. E-mail: agenor.brighenti@gmail.com

Introdução

Vários acontecimentos recentes colocaram novamente a Teologia da Libertação (TdL) em praça pública. Entre os mais significativos se poderia citar o resgate do Vaticano II e de Medellín feito pela Conferência de Aparecida, a defesa por parte do Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé da teologia de Gustavo Gutiérrez e a centralidade dos pobres no pontificado do Papa Francisco. Mas, nenhum deles provocou tanto impacto em meio aos teólogos da libertação quanto o posicionamento de Clodovis Boff, no imediato pós-Aparecida, com relação ao fundamento da TdL. Afinal, se estava diante de uma desconcertante declaração do teólogo responsável por haver dado à teologia latino-americana uma consistente sistematização de sua epistemologia e método.

Até então, o pensamento de Clodovis Boff a respeito parecia suficientemente conhecido e acolhido nos meios liberacionistas. Entretanto, nem todos haviam constatado a distância entre a concepção de TdL codificada em sua tese de doutorado - *Teologia e Prática* - de 1976 (BOFF, 1978) e a introduzida em dois trabalhos dez anos depois, em 1986: *Como fazer Teologia da Libertação* (BOFF, L.; BOFF, C., 1986), *Retrato dos 15 anos da Teologia da Libertação*. (BOFF, 1986) e *Epistemología y método de la teología de la liberación* (BOFF, 1990b). Esta segunda concepção seria mantida e melhor explicitada, no *Prefácio* da edição francesa da tese, publicada em 1990 (BOFF, 1990b).

Em sua tese doutoral, a libertação é um tema que faz da TdL uma teologia parcial, uma teologia do Político. Já no *Prefácio* da edição francesa (BOFF, 1990b), Clodovis irá dizer que a libertação é uma ótica, a partir da qual se relê a globalidade da revelação, o que faz da TdL uma teologia global, inteira, total. No primeiro momento em 1976 (BOFF, 1978), ele mantinha distância da concepção hegemônica dos meios liberacionistas, segundo a qual a TdL é uma teologia global, pois “libertação” trata-se de libertação integral, sinônimo de salvação; no segundo, a

partir de 1986, ele assume a concepção hegemônica, um novo posicionamento que vai ser explicitado depois em vários escritos¹.

O novo posicionamento de Clodovis Boff, que alcançou ampla repercussão e até comoção nos meios liberacionistas no imediato pós-Aparecida, em grande medida, é a volta à sua concepção de TdL codificada em sua tese doutoral, em 1976, ainda que de modo mais estreito ou restritivo, em relação à racionalidade moderna e à teologia contemporânea. Na realidade, este novo posicionamento, que caracteriza uma terceira fase de seu pensamento, não é do imediato pós-Aparecida. Em seus escritos, ele aparece já em 1998, ano de publicação da monumental obra *Teoria do método teológico* (BOFF, 1998)². A partir de então, ficam para trás não só sua adesão à concepção hegemônica de TdL, como a militância nos meios liberacionistas, intensamente exercida por quase quarenta anos.

Diferente da obra – *Teoria do método teológico* - em geral bem recebida por uns e ignorada por muitos, o artigo publicado da Revista Eclesiástica Brasileira (REB) no imediato pós-Aparecida – *Teologia da Libertação e volta ao fundamento* (BOFF, 2007) –, provocou reações³ e réplica em outro artigo – *Volta ao fundamento: réplica* (BOFF, 2008b). Em suas próprias palavras, Clodovis diz: “reconheço” que “vacilei”, que “alinhei-me à ambígua epistemologia *pobrista*” e que, agora, “contesto”. Muito provavelmente, o que provocou tanta reação nos meios da TdL foi o fato do novo posicionamento não ter se centrado na categoria “libertação”, mas no “pobre”.

¹ Para a caracterização destas duas primeiras fases do pensamento de Clodovis Boff me servirei de minha própria pesquisa, em tese de doutorado em Teologia e Ciências Religiosas, apresentada na Universidade Católica de Louvain, Bélgica, em 1993: “**Raízes da epistemologia e do método da Teologia da Libertação**. O método ver-julgar-agir da Ação Católica e as mediações da teologia latino-americana”, 544 p. O texto permanece inédito, mas seus principais resultados foram publicados em: BRIGHENTI, A. Raíces de la epistemología y del método de la teología latinoamericana. **Medellín**, Santafé de Bogotá, v.78, p. 207-254, 1994.

² Esta obra pode ser classificada como uma obra que se situa no limiar da segunda e da terceira fase. Ainda estão presentes muitos posicionamentos que caracterizam a segunda fase, mas, em grande medida, com esta obra, já se vislumbram as teses da terceira fase, o que é muito mais do que uma volta à primeira fase.

³ As reações foram muitas, mas, em forma de artigo, comentando as afirmações de Clodovis Boff, depois replicadas por ele, são três, publicadas também na Revista Eclesiástica Brasileira (REB): SUSIN, L. C.; HAMMES, Érico João. A Teologia da Libertação e a questão dos fundamentos: em debate com Clodovis Boff, 2008b; AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Clodovis Boff e o método da TdL: uma aproximação crítica, 2008; e BOFF, Leonardo. Pelos pobres contra a estreiteza do método, 2008a.

Isso configura um terceiro posicionamento, que toma distância não apenas do segundo, mas também do primeiro. Nos meios liberacionistas, se já era problemático fazer da “libertação” apenas um “tema”, e não uma “ótica” (primeira fase), agora, muito mais grave, parecia estar se fazendo do “pobre” um “dispositivo meramente social” do *órganon* teológico (terceira fase). “Libertação” e “pobre”, teologicamente, são duas categorias que, dificilmente, podem ser reduzidas a um denominador comum.

O objetivo deste artigo não é entrar no mérito da questão ou do debate, tal como outros já o fizeram, ainda que seja oportuno e necessário continuar e aprofundar a discussão. O que pretendemos fazer aqui é apenas uma breve caracterização destas três fases do pensamento de Clodovis Boff, relativas à epistemologia e, *en passant*, ao método da TdL. Isso poderia parecer pouco, mas não é tarefa fácil, dada a complexidade de seu pensamento e a diversidade de escritos nos quais o autor vai operando mudanças nem sempre num procedimento lógico linear e coerente, do ponto de vista epistemológico. O que é normal. Mudanças vão gerando outras mudanças, até encontrar a estabilidade de um sistema. Por razões de espaço, após a caracterização do pensamento do autor, apenas levantaremos alguns pontos, que poderiam se constituir em possíveis questões de fundo, merecendo discussão e aprofundamento maior. Ao longo do texto iremos também chamando atenção, em nota de rodapé, de um ou outro aspecto que vai configurando as diferentes fases do pensamento do autor.

Também, neste texto, não vamos tocar todos os aspectos que compõem a *semântica* e a *sintática* da teologia latino-americana no pensamento de Clodovis Boff. Atendo-nos ao teor do novo posicionamento na controvérsia recente, caracterizado como “a urgente necessidade de uma volta ao fundamento”, direcionaremos o foco desta abordagem para a questão da “fonte” da teologia. Da mesma forma que “libertação” e “pobre” constituem-se categorias distintas, também “volta ao fundamento” e “volta às fontes” são movimentos diferentes, ainda que não venha ao caso discuti-los aqui.

1 Primeira fase: a Teologia da Libertação como Teologia do Político

Em torno à obra *Teologia e Prática* (BOFF, 1978), a tese doutoral de 1976, está codificada uma primeira fase do pensamento de Clodovis Boff com relação à epistemologia e o método da TdL⁴. Seu propósito era dar ao movimento teológico latino-americano nascente um estatuto metodológico sistematizado, até então uma tarefa ainda pendente, apesar da abundante produção bibliográfica em circulação. Trata-se de uma obra complexa, extensa, em linguagem acadêmica, mas com argumentação clara e bem fundamentada. Está estruturada em três seções, cada uma dedicada a uma das três mediações teóricas da TdL: a mediação sócio-analítica, a mediação hermenêutica e a dialética teoria-práxis. Limitemo-nos, aqui, a partir desta obra, a uma caracterização da TdL em relação à sua identidade e epistemologia.

1.1 A TdL como uma teologia do genitivo

A preocupação primeira de Clodovis Boff é situar a TdL em relação a outras teologias. Para ele, a TdL "deve ser entendida como um caso de uma espécie determinada de Teologia" (BOFF, 1978, p. 809). Ele parte do pressuposto da existência de duas teologias no seio do *órganon* teológico como um todo: a *Teologia 1*, que se ocupa das realidades especificamente "religiosas", denominada por ele de Teologia "tradicional" ou "clássica"; e a *Teologia 2*, que se ocupa das realidades "seculares", uma teologia temática, de genitivos (BOFF, 1978, p. 808-809), como a teologia "da" esperança, "da" morte de Deus, "da" ação, "da" revolução ou a teologia política, englobadas todas, dentro do que ele denomina, *Teologia do Político*. Consequentemente, sua obra, segundo suas próprias palavras, "versa sobre o estatuto teórico da Teologia do Político em geral e da Teologia da

⁴ Para a caracterização da epistemologia e do método da TdL, na primeira fase do pensamento de Clodovis Boff, vou me ater à obra de sua tese doutoral, fazendo constante referência às páginas onde aparece a argumentação que vou aqui reproduzir. Sobre os resultados desta pesquisa, o autor publicou antes do aparecimento do livro, um artigo na REB: Teologia e prática (BOFF, 1976).

Libertação em particular" (BOFF, 1978, p. 789). Por isso, as mediações teóricas da construção do discurso teológico, aí apresentadas, são válidas para a Teologia do Político e para qualquer tipo de Teologia 2, incluída a TdL⁵.

Nesta primeira fase de seu pensamento, Clodovis afirma que a diferença entre as duas teologias se dá no plano da problemática, de seu objeto material, em função do que se teologiza, não no plano da pertinência, do método ou do modo de teologizar o seu objeto. O método é substancialmente o mesmo. Substancialmente porque, na verdade, "ele pode sofrer uma *refundição* provinda da natureza (material) do novo campo teórico a investigar" (BOFF, 1978, p. 809). Mais precisamente, acentua o autor, existe uma relação dialética incontestável entre as duas⁶, na medida em que a Teologia 2 repercute sobre a Teologia 1, obrigando-a a reestruturar-se internamente, e a Teologia 2 não pode se constituir no nível de sua própria pertinência, sem a Teologia 1.

Consequente com esta premissa, para Clodovis, a TdL é "um caso de uma espécie determinada de teologia", um tipo de Teologia do Político, pois "libertação" é um *tema* da Teologia e não uma *perspectiva* ou um horizonte a partir do qual se lê toda a tradição da Fé (BOFF, 1978, p. 809). A rigor, Teologia só existe uma. Por isso, toda e qualquer Teologia do Político, que pretenda constituir-se em outra teologia - uma teologia alternativa ou substitutiva da teologia "clássica" - é uma tentativa equivocada. Da mesma forma que, "fazer da Teologia da Libertação um todo propriamente orgânico, é uma empresa que não tem outra significação que constituir-se numa ideologia" (p. 810).

⁵ Chama atenção que este posicionamento, na época, diferente do que postulava a maioria quase absoluta dos teólogos da libertação, não encontrou muita oposição. Talvez, por estes estarem concentrando esforços para enfrentar os embates que vinham de segmentos eclesiais conservadores do continente e da Cúria romana.

⁶ Na época, esta relação dialética entre Teologia 2 e Teologia 1, foi vista nos meios liberacionistas mais pelo lado da descontinuidade do que da continuidade, tal como Clodovis a concebeu na segunda fase de seu pensamento. Mas, na terceira fase, ele não somente voltará a distinguir as duas teologias, como parece perder de vista a relação dialética entre elas e postular uma sobreposição da Teologia 2 sobre a Teologia 1.

1.2 A articulação do discurso da TdL

Para Clodovis Boff, nesta primeira fase de seu pensamento, os elementos que compõem o modelo metodológico da TdL são os mesmos de toda espécie de disciplina, a saber, "o objeto teórico e o modo de sua apropriação, ou, em outras palavras, a matéria-prima e os instrumentos de produção, ou ainda o tema e o modo de seu tratamento" (BOFF, 1978, p. 795). Dado que o método é o sistema de mediações concretas que permitem o acesso ao objeto de conhecimento, no caso da TdL, a mediação sócio-analítica (MSA) dá acesso à sua "natureza material", ao "objeto teórico", à "matéria-prima", enquanto que a mediação hermenêutica (MH) dá a "identidade da pertinência" da mesma. A primeira contempla o lado do mundo do oprimido e a segunda, o lado do mundo de Deus.

Nesta fase, Clodovis Boff designa a MSA e a MH como os dois elementos estruturais do processo de produção teológica da Teologia do Político em geral e da TdL em particular, na medida em que a Práxis, afirma ele, não é mediação teórica alguma⁷. Ela é "um meio, "no sentido de *medium in quo se faz teologia*" (BOFF, 1978, p. 795). A Práxis não entra na instauração do estatuto epistemológico da TdL como tal, somente no seu "sentido social e histórico" (BOFF, 1978, p. 796). O discurso se sustenta sobre dois pilares-mestres, a MSA e a MH, sendo que a Práxis "é o solo onde eles se assentam" (BOFF, 1978, p. 795).

Na articulação do discurso teológico da TdL, questões como o "fundamento" da TdL, seu "ato primeiro", o "ponto de partida" ou o "começo" não estão suficientemente explícitos na primeira fase do pensamento de Clodovis Boff. A abordagem fica restrita praticamente ao nível da sintática do discurso teológico, às suas regras, sem relacioná-la suficientemente com sua pragmática, ou seja, com as "opções fundamentais", sempre inevitavelmente colocadas na origem da articulação de qualquer teoria, incluindo a teoria teológica. Somente nas fases

⁷ A práxis tende a ser concebida, nesta fase, como o lugar de aterrissagem de uma ortodoxia, previamente concebida. Ela não é fonte criadora de idéias. A ortopráxis não seria fonte de ortodoxia em teologia.

seguintes, o autor irá situar o “ato primeiro” da TdL em relação com sua semântica, a ótica libertadora ou mais propriamente a questão da relação entre “pobre” e a “Palavra revelada”.

Nesta primeira fase, a articulação do discurso teológico da TdL é tratada no âmbito da caracterização dos dois momentos do método da TdL no seio da Teologia do Político - a MSA e a MH -, bem como da inter-relação entre ambas. Resumidamente, com relação à MSA, Clodovis começa por situá-la no seio da ciência teológica enquanto tal. Como já fizemos menção, para ele, existe uma Teologia 1, que se ocupa das realidades especificamente "religiosas", e uma Teologia 2, voltada para as realidades "terrestres". As Teologias do Político são teologias 2 e a TdL é uma forma particular de Teologia do Político. Para apreender as realidades "terrestres", tanto a Mediação Filosófica quanto a Moral Social Tradicional são inadequadas. Como o Político é campo das Ciências do Social (CdS), impõe-se à Teologia uma relação com elas através de uma MSA. Esta dará à Teologia do Político seu objeto teórico, sua matéria prima, seus temas, constituindo-se a palavra-primeira, uma Generalidade I (G I)⁸. Em seguida, após a apropriação desta matéria-prima através de instrumentos de produção da Teologia, seu modo de tratamento próprio que é a MH e que constitui uma Generalidade II (G II), chega-se ao produto final, à Teologia do Político, uma Generalidade III (G III), que é já palavra-segunda.

Na instauração da MSA, para evitar obstáculos epistemológicos, tal como o "empirismo" em relação ao Político e o "purismo metodológico", o "teologismo", a "mixagem semântica" e o "bilinguismo" em relação à constituição do discurso propriamente dito, impõe-se à Teologia do Político a mediação das teorias sociais ou das Ciências do Social, o que se constitui num imperativo, segundo Clodovis Boff, da cultura contemporânea (BOFF, 1978, p. 68-80). Para tal, a escolha da teoria mais adequada obedece a critérios científicos e éticos, sendo que, em última análise, é sempre o pólo ético que determina a escolha. Ponto fundamental é que a relação Teologia do Político-Ciências do Social, através de uma MSA, não deve ser

⁸ Estas categorias metodológicas, Clodovis Boff as toma emprestadas do filósofo francês Althusser.

posta como uma simples "relação de justaposição", mas como uma "relação de constituição", de modo que os resultados das Ciências do Social, assimilados metabolicamente, se constituam na "matéria-prima" adequada de uma Teologia do Político (BOFF, 1978, p. 83-85). Finalmente, ainda que essa relação seja de "constituição", ela deve ser regida por dois princípios deontológicos fundamentais: o respeito mútuo pela "autonomia" e pela "independência" de cada disciplina, acompanhado da crítica recíproca às extrapolações de uma ou de outra a toda tentativa de dogmatismo.

Com relação à MH, para Clodovis, ela é a responsável pela "formalidade teológica" da Teologia do Político, constituindo-se no segundo momento da construção teológica, pelo qual um discurso é formalmente discurso teológico (BOFF, 1978, p. 145-147). Em outras palavras, a MH define a "pertinência teológica", determinada pela relação deste discurso com a Positividade da Fé (BOFF, 1978, p. 801). De novo, aqui, ele evocava a necessidade da distinção entre uma Teologia 1 e uma Teologia 2. A primeira privilegia mediações de caráter filosófico, enquanto que a segunda, mediações socioanalíticas (BOFF, 1978, p. 158-162). No caso da Teologia do Político, a G III de uma teoria social toma o lugar da G I, enquanto que a G III de uma Teologia 1 se coloca na instância da G II (BOFF, 1978, p. 801). Em outras palavras, a Teologia do Político transforma a matéria-prima (G I), num produto determinado (G III), graças aos meios de produção (G II) (p. 152-153). Como já foi visto anteriormente, nesta fase de seu pensamento, para Clodovis Boff, o objeto material da Teologia do Político é o Político, apreendido pelas Ciências do Social, através de uma MSA. Por outro lado, o objeto formal é a Revelação, a ser apreendida pelas ciências bíblicas, através de uma MH. É interessante notar que já nesta fase, ainda que sem uma abordagem mais explícita, o autor coloca em relevo que é a Revelação que fornece à Teologia os *princípios* de sua própria prática.

No que diz respeito à prática da MH propriamente dita, para Clodovis, a relação Teologia do Político-Ciências do Social nos parâmetros do denominado

modelo "dialética de Calcedônia" - união sem separação, distinção sem confusão -, é insuficiente, pois tende ao "bilinguismo" (separação) e à "mixagem semântica" (confusão) (BOFF, 1978, p. 169). Ele estabelece uma "dialética permanente" entre dualidades teóricas que se propõem articular, mas "permanece ainda num nível geral e abstrato demais para ser capaz de dar conta das situações concretas". Neste modelo, a Fé implica o Político e o Político se consuma na Fé, mas não vão mais longe da simples constatação da existência de uma relação recíproca entre Salvação e libertação, por exemplo. Como alternativa, o autor propõe o "modelo de encarnação" que consiste em fazer ver no Político (G I) o que a fé revela (G II) (BOFF, 1978, p. 171). Quanto à referência concreta à Positividade cristã, precisa ser processada de maneira crítica, através de uma adequada releitura das Escrituras. Essa operação ou "círculo hermenêutico" deve evitar extremos, como a "picaretagem hermenêutica" ou o "positivismo semântico". Concretamente, o caráter normativo ou canônico da Escritura não pode se impor sob a forma de uma "cópia", reproduzida mecanicamente, como no "modelo da correspondência de termos" (BOFF, 1978, p. 253-262), mas dar-se como uma interpretação modelar ou um paradigma hermenêutico, sob um modelo alternativo, o "modelo da correspondência de relações" (BOFF, 1978, p. 264-267). Segundo o autor, este é o modelo hermenêutico praticado pelas comunidades primitivas, especialmente pela Patrística, que procura uma "homossemia de fundo" entre o sentido do passado da Escritura e o sentido presente da situação histórica. Esse modelo, segundo ele, valoriza de modo particular, a "memória viva" da comunidade cristã. Mas, adverte, é um modelo, entretanto, que exige do teólogo um "espírito ou *habitus* hermenêutico", caracterizado pela "primazia da práxis cristã da fé" em relação aos textos das Escrituras em-si (BOFF, 1978, p. 268-270).

2 Segunda fase: a libertação como perspectiva de uma teologia global

Num artigo de 1986, *Retrato de 15 anos da Teologia da Libertação* (BOFF, 1986), portanto dez anos depois de sua primeira obra, seguido de outros dois trabalhos - *Como fazer Teologia da Libertação* (BOFF, L.; BOFF, C., 1986) e

Epistemología y método de la Teología de la Liberación (BOFF, 1990a), bem como o *Prefácio* da edição francesa de sua tese em 1990 (BOFF, 1990b), Clodovis Boff muda profundamente sua posição em relação à TdL, cedendo ao posicionamento hegemônico dos teólogos da libertação. Sua obra - *Teoria do método teológico*, de 1998, pode ser classificada como uma obra que se situa no limiar da segunda e da terceira fase. Ainda estão presentes muitos posicionamentos que caracterizam esta fase, tal como se pode constatar em citações na sequência. Mas, em grande medida, com esta obra já se vislumbram as teses da nova fase, que é muito mais do que uma volta à primeira fase, como já dissemos.

2.1 A TdL como uma teologia global

Nesta segunda fase, a TdL passa a ser concebida como uma teologia "materialmente global", na medida em que abarca a totalidade dos temas teológicos e "formalmente particular", porquanto não se detém numa "visão genérica e abstrata da fé, mas "desenvolve o sentido histórico libertador do Evangelho" (BOFF, 1990a, p. 80). Partindo de uma perspectiva global, para Clodovis, a TdL desemboca numa ótica particular, fazendo a teologia inteira aterrissar em temas específicos, libertadores. A TdL é "a teologia da libertação integral, com ênfase na libertação histórica" (p. 263). A originalidade da TdL, dirá o autor um pouco mais tarde, não reside no método, mas "na raiz do método". O que lhe confere um "espírito", uma "nova maneira de utilizar o método" é a "experiência de Deus no pobre" (BOFF, 1990b, p. II)⁹.

Seu objeto, por um lado, é a "fé", todo o "depósito da fé", na medida em que tira dele toda sua significação libertadora e, por outro, a "história", o processo de opressão/libertação, enquanto o interpreta "à luz da fé" (BOFF, 1990a, p. 80). Essa "interpelação recíproca entre evangelho e vida concreta" (*Evangelii Nuntiandi*, n.

⁹ Aqui, Clodovis Boff está aderindo à posição hegemônica dos teólogos da libertação que, desde o princípio, conceberam a TdL como uma "nova maneira de fazer teologia", uma nova teologia, inteira, global, uma *omniteologia*.

24)¹⁰, a relação dialética entre fé e opressão, afirma Clodovis Boff, se estabelece a partir do pólo da fé positiva¹¹. Parte-se de uma experiência particular, mas sempre interpelando-a "à luz da tradição e da experiência da própria Igreja" (*Libertatis Conscientia*, n. 70).¹² Desta forma, poder-se-ia definir a TdL como "a teologia da libertação histórica à luz da libertação integral, que põe ênfase na libertação histórica" (BOFF, 1990a, p. 80-81).

Para Clodovis Boff, assim, a TdL não se opõe e nem se substitui às grandes etapas da teologia do presente e do passado, como a Teologia Patrística e a Teologia Escolástica, mas as complementa de maneira crítica (BOFF, 1990a, p. 87)¹³. De um lado, a TdL é sucessora e herdeira das grandes teologias antigas e se desenvolve "de modo homogêneo" em relação a elas, na medida em que assume a mesma "perspectiva da fé" (pertinência) e os mesmos conteúdos doutrinários (BOFF, 1990a, p. 88). De outro lado, ela se constitui numa "nova etapa da teologia" (JOÃO PAULO II, 1986), uma vez que atualiza as teologias anteriores, confrontando-as com a problemática dos oprimidos. Em outras palavras, a TdL "é uma teologia integral, ainda que dê uma ênfase particular à dimensão social da fé"; e "na medida em que essa dimensão é integrante da fé, toda teologia cristã há de necessariamente contemplá-la" (BOFF, 1998, p. 638). Para o autor, a TdL, na realidade, articula-se a partir do "outro pobre", desfiguração do Filho de Deus, a partir da massa dos oprimidos com rostos concretos e não de temas abstratos ou de idéias gerais, constituindo-se em "um novo modo de fazer teologia" (BOFF, 1990a, p. 89). Mais do que um método específico, ela é "um novo espírito teológico", um "novo estilo de teologizar" (BOFF, 1990a, p. 89) e, como disse o Papa João Paulo II aos Bispos do Brasil, 1986, uma teologia "útil, oportuna e necessária" para a Igreja. Necessária, pois, doravante, toda e qualquer teologia deverá confrontar sempre fé e história, libertação integral e libertação histórica, salvação e promoção humana a partir dos mais pobres.

¹⁰ PAULO VI, 1976. Para esse documento de Paulo VI se utilizará a menção consagrada *Evangelii Nuntiandi* (EN) citando-se o número correspondente.

¹¹ Na fase seguinte de seu pensamento, esta relação dialética, aparecerá enfraquecida senão ausente.

¹² CONGREGAÇÃO PARAP A DOCTRINA DA FÉ, 1986. Para esse documento se utilizará a expressão *Libertatis Conscientia*, com o número correspondente da citação.

¹³ Desaparece a relação de dependência da Teologia 2 em relação à Teologia 1, para se postular uma relação de complementaridade.

2.2 O “ponto de partida” da TdL

Nesta segunda fase de seu pensamento, Clodovis Boff, ainda que afirmando que o “ponto de partida” da TdL seja a Fé, estabelece uma relação dialética entre “pobre” e Cristo”. Ele resume a epistemologia da nova teologia, afirmando que seu método se opera "a partir dos pobres partindo de Cristo" (BOFF, 1986, p. 265), uma dialética, porém, articulada desde o pólo da Fé¹⁴. Mesmo quando se diz que a teologia "parte dos pobres" ou "da realidade", na verdade, se parte de mais longe, "se parte da fé". No *Prefácio* da edição francesa de sua tese, Clodovis dirá que "o ponto de partida não é o pobre, mas Deus; não é a práxis, mas a Fé". A TdL se enraíza na Fé positiva, que é seu princípio primeiro e fundamental. Seu horizonte particular, seu princípio segundo e específico é o encontro com os pobres. Mas, sempre de forma dialética, pois, segundo ele, "a TdL parte do pobre à partir de Deus ou parte de Deus partindo do pobre" (BOFF, 1990b, p. IV).

Isso significa que o horizonte maior e primeiro da TdL "será sempre o plano da salvação" e seu horizonte segundo é "o processo histórico de libertação dos pobres" (BOFF, 1990a, p. 81). Temática e operativamente, na raiz última da TdL, está a Fé objetiva ou positiva: a revelação; em seguida, estrutural e dialeticamente ligada à ótica da Fé objetiva, vem a ótica do oprimido, a fé subjetiva, que converte a Teologia em teologia da libertação. Mais concretamente, na gênese da TdL está a experiência "pré-teológica", a "experiência espiritual do pobre", a "fé viva", a "práxis libertadora da fé" (BOFF, 1990a, p. 81-82). É daí que surge estruturalmente a TdL, seu "modo próprio" de teologizar (BOFF, 1990a, p. 81-82). Com isso, como o próprio autor afirma, em relação à sua tese, o que há de diferente em seus escritos posteriores é que se "coloca mais dialética" entre teoria e práxis, articulando os diferentes níveis internos da teologia - a TdL popular, pastoral e profissional (BOFF, 1990b, p. VII).

¹⁴ É esta relação dialética que, na terceira fase de seu pensamento, deixará de existir em relação à articulação do “ato primeiro” do discurso da TdL.

Clodovis Boff chama a atenção que, metodologicamente, no campo da esfera da articulação do discurso da TdL, o ponto de partida se situa de maneira distinta. A fé é "o ponto de partida formal", o "princípio hermenêutico determinante" e, a práxis, o "ponto de partida material", a "matéria prima" (BOFF, 1990a, p. 82). Assim, mesmo que metodologicamente, no processamento do discurso propriamente teológico, se parta sempre do "ver" ou da "realidade", não há contradição entre as duas distintas instâncias, uma vez que há entre elas uma relação recíproca, devidamente hierarquizada. A fé será sempre o "alfa" e o "ômega" de todo o processo, ela é o pólo dominante dessa relação dialética, sob a pena de "subverter e desnaturar a verdadeira libertação cristã" (JOÃO PAULO II, 1986). Com a Instrução *Libertatis Conscientia*, Clodovis Boff reconhece a legitimidade de se "partir de uma experiência particular", mas interpelando-a "à luz da tradição e da experiência da própria Igreja (*Libertatis Conscientia*, n. 2)".

2.3 Da Teologia 1 e Teologia 2 ao Momento 1 e Momento 2

Essa nova concepção, sobre o "ponto de partida" do método da TdL, levou Clodovis Boff a revisar seus antigos conceitos de "Teologia 1" e "Teologia 2". Para ele, nesta segunda fase, a TdL não é apenas uma teologia temática, do genitivo ou uma das Teologias do Político, mas "uma teologia fundamental" (BOFF, 1990a, p. 89). Conseqüentemente, ao invés de se falar de uma "Teologia 1", que se ocuparia das realidades especificamente "religiosas" e discutiria o "sentido-em-si" dos mistérios da fé e de uma "Teologia 2", que se ocuparia das realidades "terrestres" e desenvolveria as incidências concretas dos mistérios da fé no campo social e histórico, para Clodovis Boff, "seria melhor falar de Momento 1 e Momento 2 de um mesmo e único processo teológico". Como "novo modo de fazer teologia", como teologia integral, a TdL abarca todo o "depósito da fé" a partir de sua ótica específica, ou seja, a "experiência de Deus no pobre" (BOFF, 1990a, p. 90). Na prática, a nova teologia tematiza, na medida em que os atualiza, também o Momento 1 do processo teológico global, incorporando assim o método da "teologia

clássica", ainda que "refundindo-o profundamente a partir de sua ótica teológica específica", ou seja, o oprimido (BOFF, 1990a, p. 90).

Assim, para Clodovis Boff, a novidade da TdL se encontra na "raiz" do ato teológico; trata-se de algo "pré-teológico", ou seja, o encontro com o pobre e suas consequências (BOFF, 1986, p. 87). Para ele, no fundo, a originalidade da TdL não está em seus temas, nem no método em si, nem em sua linguagem, nem em seus destinatários, mas precisamente na "inserção viva do teólogo junto aos pobres, entendidos estes como realidade coletiva, conflitiva e ativa", assumidos como sujeitos (BOFF, 1986, p. 90). A originalidade da nova teologia reside no fato de tudo ser feito "a partir do pobre". Para o autor, é precisamente essa particularidade que distingue a TdL de qualquer outra teologia. Nessa nova forma de fazer teologia, o encontro com o pobre constitui-se no "ato primeiro", a condição epistemológica "indispensável" para fazer teologia da libertação, que já é "ato segundo" (BOFF, 1986, p. 38). De maneira enfática, dirá ele um pouco mais tarde que "a prática de transformação social em solidariedade com os pobres" é condição *sine qua non*, sem a qual "o teólogo não resume as condições epistemológicas adequadas para compreender e fazer Teologia da Libertação" (BOFF, 1990b, p. II)¹⁵.

2.4 TdL como um novo modo de ser teólogo

Na segunda fase de seu pensamento, Clodovis tem o cuidado de explicitar, da forma mais clara possível, a questão que ele considera central e decisiva na articulação do discurso teológico da TdL: a "experiência espiritual de Deus no pobre". Chama atenção que, para fazer teologia da libertação, não basta refletir não importa como, sobre o "ato primeiro". Além do compromisso com o pobre, é preciso saber articular o discurso a que ela se propõe. Entretanto, segundo Clodovis, "a experiência teologal condiciona, mas não substitui a inteligência

¹⁵ Aqui está um dos pontos centrais do desconcerto, por parte da corrente hegemônica no seio da TdL, frente ao novo posicionamento na terceira fase. A TdL sempre se entendeu como uma teoria militante, que parte da práxis libertadora e retorna a ela. Clodovis fala, aqui, de reunir as "condições epistemológicas necessárias para fazer TdL".

teológica" (BOFF, 1990b, p. 101). Ao lado desta "dependência externa", o ato primeiro, a teologia possui sua própria autonomia interna no que diz respeito às suas regras de produção.

Lembra o autor que a TdL se desenvolve em três momentos fundamentais, correspondentes aos três momentos do conhecido método pastoral: ver, julgar, agir da Ação Católica – a mediação sócio-analítica (MSA), a mediação hermenêutica (MH) e a mediação prática (MP). A primeira contempla o lado do mundo do oprimido, a segunda, o lado do mundo de Deus e, a terceira, contempla o lado da ação (BOFF, 1986, p. 40).

Tal como já fizemos referência, na primeira fase de seu pensamento, Clodovis Boff designava a MSA e a MH como os dois elementos estruturais do processo de produção teológica. Para ele, a Práxis não era mediação teórica alguma, pois é "um meio", "o solo onde a MSA e MH se assentam" (BOFF, 1986, p. 49). Entretanto, nesta fase, o autor conceberá o lado da ação como uma mediação prática, inclusive como "a grande mediação da teologia" (BOFF, 1990a, p. IX), na medida em que "não basta refletir sobre a prática", é preciso, antes, "estabelecer um nexos vivo com a prática viva", o que ele vai denominar de "momento prévio", de momento "pré-teológico" ou de "primeiro passo" para fazer teologia. É dentro desta "dialética maior" de teoria (da fé) e práxis (da caridade) que atua a TdL (BOFF, 1990b, p. 99-100).

Na obra – *Teoria do método Teológico* – (BOFF, 1998), que pode ser classificada como uma obra que se situa no limiar da segunda e da terceira fase, ainda estão presentes muitos posicionamentos que caracterizam esta fase, tal como se pode constatar. Afirma Clodovis que a TdL é, antes de tudo, "um novo modo de ser teólogo", que precede, com sua prática libertadora, a sua própria teologia. A originalidade da TdL é "radical", no sentido de residir na raiz de seu método "o compromisso concreto com o pobre real", compromisso esse vivido espiritualmente, "como um ver a Deus no pobre e ao pobre em Deus" (BOFF, 1998, p. 638). A partir daí, desse "ponto zero da teologia", todos os outros demais traços da TdL adquirem "uma cor e um sentido bem caracterizados" (BOFF, 1998, p. 638).

Nesta fase de seu pensamento, a dialética entre Fé e Experiência, além de bem articulada, é colocada em evidência, tomando distância de limites da fase anterior. Se por um lado, a Fé-palavra determina formalmente a teologia, por outro, “*a fides quae se dá no contexto da fides qua*”. A Palavra da Revelação “ressoa no espaço da experiência religiosa” e, conseqüentemente, “o conhecimento não é puramente teórico e menos ainda informação”; é, sobretudo, “afetivo e experiencial, envolvendo o ser humano todo”; “a fé implica um saber substancial” (BOFF, 1998, p. 129).

Conseqüentemente, “a prática pode ser matéria-prima ou objeto da teologia”, dada a “anterioridade absoluta da fé concreta sobre toda e qualquer reflexão sobre ela”. Isso significa que, para um teólogo, “vem antes, como ato I, a prática concreta da fé e só depois, como ato II, a teologia”. Trata-se, diz Clodovis, do “ponto zero da teologia, a condição pré-epistemológica”. Em outras palavras, “a prática pode ser também um princípio cognitivo”, também “*arché* na construção da teologia” (BOFF, 1998, p. 157). E conclui: “a fé esclarece a prática, mas também a prática esclarece, a seu modo, a fé” (BOFF, 1998, p. 158).

À primeira vista, pareceria que, em relação às mediações da TdL, o pensamento de Clodovis Boff teria evoluído somente em relação à Mediação Prática, mas não. Em sua tese de 1976, a questão da opção preferencial pelos pobres, tanto como princípio metodológico quanto como condição de uma reflexão libertadora conseqüente ficara, em grande medida, pressuposta ou mesmo na sombra. Mas, nesta fase, ele não somente coloca em evidência a questão, como enfoca cada momento do método a partir da ótica da TdL, ou seja, tendo como pano de fundo o princípio da opção preferencial pelos pobres.

2.5 A centralidade dos pobres na articulação do discurso da TdL

Nesta segunda fase de seu pensamento, Clodovis Boff manterá a espinha dorsal do procedimento das três mediações teóricas da TdL, mas lhes dará um outro pano de fundo. Como já fizemos referência, nesta fase, ele não conceberá mais a TdL como uma Teologia do Político, mas uma teologia fundamental, "um novo horizonte teológico", "uma nova forma de fazer teologia", "uma teologia materialmente global e formalmente particular" (BOFF, 1986, p. 41-45).

Assim, como a particularidade da TdL é ler todo o "depósito da fé" a partir da perspectiva libertadora, a partir dos pobres, a finalidade da MSA não consiste em somente "apreender o Político" de forma generalizada, mas, mais especificamente, a realidade do oprimido (BOFF, 1986, p. 41-45). Em última análise, a função da MSA na TdL é ajudar a entender porque o oprimido é oprimido, a ver quais são suas condições reais de vida ou ajudar a buscar as raízes da opressão (BOFF, 1986, p. 42-44). Neste particular, Clodovis Boff explicita o conceito de "pobre" da TdL, cuja característica predominante é a pobreza sócio-econômica, opressão infra-estrutural, que condiciona de algum modo todas as demais formas de pobreza.

Outro elemento novo nesta fase de seu pensamento consiste no fato de Clodovis postular, ao lado da MSA, a necessidade de sua complementação por uma Mediação Histórica, que não somente situe a problemática da pobreza no tempo presente, mas também permita compreender o pobre em sua dimensão de sujeito social coagente do processo histórico (BOFF, 1990b, p. 99-103). Ele reconhece que, neste particular, a sua tese peca por um certo "racionalismo social althusseriano", na medida em que deixa entender que o acesso à verdade social é tarefa exclusiva das Ciências do Social. Na realidade, diz ele, a tese não leva em conta o papel importante do "senso comum" e da "sabedoria popular" (BOFF, 1990a, p. VI). Pouco depois, Clodovis irá postular também a importância da filosofia, de modo particular, da antropologia.

Finalmente, com relação à MSA, nesta fase de seu pensamento, o autor faz referência a outro limite em relação à sua tese e faz uma proposta de superação. Trata-se da necessidade da ampliação do conceito de pobre e de pobreza. Embora, diz ele, a MSA seja imprescindível para entender criticamente a situação do pobre, ela se limita basicamente a uma análise estrutural do fenômeno da pobreza (BOFF, 1990b, p. 105). Entretanto, este não se limita meramente ao aspecto sócio-econômico, mesmo sendo ele infraestrutural. É preciso ver também os outros planos da opressão social: a opressão de tipo racial (o negro), a opressão de tipo étnico (o índio), a opressão de tipo sexual (a mulher), a opressão de tipo etário (o jovem, a criança e o idoso), etc. (BOFF, 1986, p. 46-47). Isso obriga a superar uma concepção exclusivamente "classista" do oprimido e ver também o rosto desfigurado do Filho de Deus (BOFF, 1986, p. 50), no "humilhado e no ofendido" (BOFF, 1986, p. 48-49).

Tendo a ótica libertadora como pano de fundo da nova teologia, além da MSA, nesta segunda fase do pensamento de Clodovis Boff, a MH também muda seu modo de operação. O elemento novo é a proposição de uma "hermenêutica da libertação" (BOFF, 1986, p. 53-54), que consiste em interrogar a totalidade da Escritura a partir da ótica dos oprimidos (BOFF, 1990b, p. 51). É a TdL como uma teologia materialmente global e formalmente particular. O autor reconhece que esta não é a "única leitura possível e legítima" da Bíblia. Entretanto, para os contextos de opressão, é uma "hermenêutica relevante". Diz-se consciente de acentuar uma ótica, mas sem exclusivizá-la; de privilegiar temas que não são, quem sabe, os mais importantes, porém, sim, os mais apropriados ou convenientes a uma situação de opressão. Podem não ser os mais importantes, mas não deixam de ser os mais relevantes. Isso não quer dizer que este modo de fazer teologia, pelo fato de uma hermenêutica libertadora interrogar a Palavra, antecipe ideologicamente a resposta divina. Como hermenêutica teológica, portanto feita na fé, a resposta da Palavra pode sempre questionar não só a pergunta, como o próprio questionador, na medida em que ele é sempre chamado à conversão e ao compromisso com a justiça (BOFF, 1990b, p. 107-108).

Para Clodovis Boff, o "círculo hermenêutico" se estabelece entre o pobre e a Palavra. Nesse círculo, por um lado, a Palavra detém a primazia, mas, de outro, metodologicamente, a dialética se estabelece a partir do pobre. Em outras palavras, o teólogo vai às Escrituras carregando toda a problemática, a dor e as esperanças dos oprimidos, para ver o que a Palavra diz sobre sua situação real (BOFF, 1986, p. 51). Em sua obra, de 1998, – *Teoria do método teológico* – ainda permanecem argumentos nesta perspectiva. O autor fala do “pobre como privilégio epistemológico”. Reconhece que “o pobre e o compromisso com ele, não é único caminho de conhecimento de Deus”, mas “pode-se e deve-se falar no primado, ou melhor, no privilégio epistemológico do pobre” (BOFF, 1998, p. 174), na medida em que “o pobre oferece as condições melhores ou mais vantajosas, para conhecer o Deus bíblico e seu Reino”. Conseqüentemente, “a opção preferencial pelos pobres oferece condições ótimas de se fazer uma teologia realmente evangélica, bíblica e libertadora” (BOFF, 1998, p. 175). Neste particular, Clodovis Boff reconhece que sua tese deixou de ressaltar que a G II pode igualmente incorporar elementos das Ciências do Social quando se faz a leitura contextual da Bíblia (BOFF, 1990a, p. VIII)¹⁶.

Em relação ao mecanismo das Generalidades, emprestado de Althusser, Clodovis Boff reconhece, igualmente que, em sua tese, faltou colocar mais dialética na articulação das três Generalidades (G I, G II, G III). Uma hermenêutica libertadora precisa ter presente quatro características principais: primeiramente, é uma hermenêutica que privilegia o "momento da aplicação" sobre o "momento da explicação", buscando o "sentido textual", sim, porém, em função do "sentido atual"; segundo, é uma hermenêutica que busca descobrir e ativar a "energia transformadora" dos textos bíblicos; terceiro, é uma leitura teológico-política da Bíblia que acentua, sem reducionismos, o "contexto social" da mensagem; quarto, é uma hermenêutica que se faz com os pobres, incorporando a contribuição da "leitura popular da Bíblia" (BOFF, 1986, p. 108-109).

¹⁶ Nesta fase, Clodovis introduz a necessária e inevitável relação dialética, numa correta articulação do discurso teológico nos moldes da TdL.

3 Terceira fase: a Teologia da Libertação como libertação “na” teologia

À primeira vista, a terceira fase do pensamento de Clodovis Boff, acerca da questão da epistemologia e do método da TdL, inaugura-se com a publicação de um artigo no imediato pós-Aparecida - *Teologia da Libertação e volta ao fundamento* (BOFF, 2007). Entretanto, trata-se de um posicionamento amadurecido ao longo de mais de uma década. Como já fizemos referência, as intuições e teses fundamentais desta nova postura se remetem à *Teoria do método teológico* (BOFF, 1998) e a *Como vejo a teologia trinta anos depois* (BOFF, 2000). Completa a lista de escritos nesta perspectiva o artigo-réplica às reações ao seu artigo no imediato pós-Aparecida - *Volta ao fundamento: réplica* (BOFF, 2008b). Como nestes dois últimos artigos Clodovis Boff retoma posições codificadas, sobretudo, em seu livro – *Teoria do método teológico* – vamos aqui reproduzir a argumentação que caracteriza a terceira fase de seu pensamento, atendo-nos, em grande medida, a estes dois textos.

3.1 Aparecida: ruptura com o método ver-julgar-agir?

No artigo, Clodovis congratula-se com o Documento de Aparecida que, segundo ele, rompe com o método ver-julgar-agir e faz uma “articulação correta entre fé e ação libertadora”, diferente da TdL, “que partiu de um princípio equívoco, para não dizer errôneo” (BOFF, 2007, p. 1012). Para ele, “a TdL parte do pobre e encontra Cristo; Aparecida parte de Cristo e encontra o pobre” (BOFF, 2007, p. 1012)¹⁷. O texto tem um tom de retratação de posicionamentos seus, assumidos anteriormente. Fazendo um balanço da trajetória da TdL em relação ao seu fundamento epistemológico, como já fizemos referência assume: “em meus escritos polêmicos, vacilei no ponto fundamental de toda teologia – o Cristo da fé”,

¹⁷ Nesta postura, perde-se de vista a relação dialética entre “pobre” e “Deus”, tão cuidadosamente explicitada na fase anterior: “partindo do pobre, partindo de Deus e partindo de Deus, partindo do pobre”.

cedendo à “pressão do contexto” e “alinhando-me à ambígua *epistemologia pobrista*, que aqui estou contestando” (BOFF, 2008b, p. 893).

Esta interpretação de Aparecida se deve, sobretudo, ao fato do Documento iniciar com um capítulo cristológico, colocado antes do olhar sobre a realidade sócio-ecclesial, fato que para Clodovis, “faz honra ao episcopado de nosso Continente” (BOFF, 2007, p. 1011). Entretanto, neste particular, a bem da verdade, convém dizer que durante todo o processo de redação do texto durante a V Conferência, os bispos sempre tinham posto o capítulo cristológico como o primeiro capítulo do “julgar” e, só na última sessão, quando o Documento foi para a votação final, é que este capítulo apareceu deslocado como o primeiro da parte do “ver”. Houve reação da assembléia e introdução de recurso dentro das prerrogativas regimentais para que o capítulo voltasse ao seu lugar original, mas os bispos solicitantes não foram atendidos. Para Clodovis, “mesmo quando a V Conferência parte dos pobres, seguindo o método ver-julgar-agir, faz isso apenas *materialmente* (para contentamento dos teólogos da libertação), pois *formalmente* parte sempre, antes ainda, de Cristo” (BOFF, 2007, p. 1013).

Ao comparar as três fases de seu pensamento acerca da epistemologia e do método da TdL, se a segunda fase em relação à primeira foi um movimento de diástole, de ampliação de horizontes, a terceira em relação à segunda, é mais do que simplesmente a volta à primeira fase. Na segunda fase, ele mesmo reconhecia que na primeira “faltou colocar mais dialética” entre fé e práxis, entre revelação e experiência religiosa, entre Deus e pobre. Nesta, ele suprime toda dialética e introduz, na articulação do discurso teológico, um procedimento dedutivo e quase metafísico *a priori*, em grande medida, desconectado do contexto histórico e da experiência da fé. Como veremos na breve apreciação crítica em forma de conclusão deste trabalho, para Clodovis, isso se impõe dado o “cedimento ao espírito da modernidade”, que com sua “virada antropocêntrica”, colocou “o homem, medida de tudo”, levando a uma “mundanização da fé” e à consequente “mundanização da teologia ou politização da fé” (BOFF, 2007, p. 1007-1010).

3.2 A questão de fundo para C. Boff: a confusão entre começo e princípio

A preconização de uma “volta ao fundamento”, título dos dois artigos em pauta, aponta para a questão de fundo do novo posicionamento: a ambiguidade epistemológica acerca do fundamento da teologia. Para Clodovis, “a atual TdL, pratica e mesmo confessadamente, confere primazia (prioridade ou centralidade) ao pobre e à sua libertação, em relação a Cristo”. A opção pelos pobres é “o eixo ou centro epistemológico”, constituindo-se no “ponto de partida” dessa teologia (BOFF, 2007, p. 1002).

O autor reconhece que “a opção pelos pobres, como tema fundamental, está fundada teologicamente (na Bíblia e na Tradição)”, contudo, “como princípio epistemológico particular, conferindo uma *perspectiva* determinada, permanece largamente impensada e não discutida nos meios liberacionistas” (BOFF, 2007, p. 1002). Consta que, “quando se questiona o pobre como princípio e se pergunta se não é antes o Deus de Jesus Cristo, a TdL costuma recuar e não nega”. O que faz problema na TdL “é sua *indefinição* sobre uma questão que é capital na esfera do método”. É uma teologia que vive um drama teórico: “o que é *decisivo* permanece nela *indeciso*”. Daí “sua falta de consistência epistemológica” e, conseqüentemente, sua “inconsistência teórica”. Na hesitação, epistemologicamente, “entre Deus e o pobre, o pobre leva vantagem; entre salvação e libertação, esta é favorecida” (BOFF, 2007, p. 1003). Em outras palavras, “o Deus revelado como princípio primeiro da teologia é aceito, mas não *opera* para valer, representa apenas um dado *pressuposto*; não é um *princípio operante*, que continua sempre ativo” (BOFF, 2007, p. 1004).

Para Clodovis, “na prática teórica da TdL acontece uma inversão do primado epistemológico: não é mais Deus, mas o pobre, o primeiro princípio operativo da teologia”. Que o pobre seja “um princípio da teologia ou uma perspectiva (ótica ou enfoque), é possível, legítimo e mesmo oportuno”, mas “apenas como *princípio segundo*, como prioridade *relativa*”. Conseqüentemente, “a teologia que arranca

daí, como é a TdL, só pode ser um discurso de segunda ordem, que supõe em sua base uma *teologia primeira*. Entretanto, a TdL não tem esta consciência, pois se auto-concebe como “uma *teologia inteira*, substituindo ou dispensando a teologia primeira e fundindo, ou melhor, confundindo o nível *transcendental* como o *categorial*”. Em sua prática teórica, costuma por “o pobre como seu princípio, meio e fim” (BOFF, 2007, p. 1005), fazendo uma “instrumentalização da fé em função do pobre” (p. 1005).

O resultado inevitável é a “redução da fé e, em especial, sua politização”. A fé se transforma em “*ideologia*”, decaindo de seu “nível transcendente para a imanência política”. Para Clodovis, “confunde-se os dois *sentidos de ponto de partida*: como mero *começo* (material) e como *princípio* (formal)”. O pobre pode ser “*ponto de partida* como *começo*, mas não como princípio”. Ou então, melhor dizendo, “o pobre pode ser também um princípio, fornecendo o que se chama ótica dos pobres; mas um princípio segundo e regido, e nunca princípio primeiro e regente” (BOFF, 2007, p. 1006).

Esta posição fica mais clara se recorremos à argumentação codificada na obra – *Teoria do método teológico* (BOFF, 1998). Segundo Clodovis, podemos entender o “ponto de partida” numa perspectiva “meramente prática ou mesmo pragmática”. Neste caso, o ponto de partida pode ser “a experiência ou a vida”. Mas, se o entendemos “numa perspectiva rigorosamente teórica ou epistemológica, então é a Revelação ou a fé que constitui esse ponto”¹⁸. Na TdL, o primeiro momento é o “ver”. Mas, mesmo aí, segundo ele, “a fé-palavra é o momento determinante”. Esta fica “apenas suspensa ou colocada entre parêntesis, mas não está de modo algum supressa”, pois o “ver é todo animado por ela, mesmo de modo ainda inexpresso” (BOFF, 1998, p. 125). Assim, enquanto princípio formal, “a fé dogmática dá à teologia sua perspectiva própria”, pois, esse “à luz da fé” constitui a “instância determinante do processo de produção teológica”. A Fé “não designa

¹⁸ Aqui cabe fazer menção à concepção de “ato primeiro” com relação à TdL: na concepção hegemônica dos teólogos da libertação, entende-se a “prática da fé”, na perspectiva das filosofias da práxis de Blondel, Gramsci, Mariatégui e outros; em Clodovis Boff, o “ato primeiro” se refere à “prática teórica”, na perspectiva idealista de Althusser.

aquilo que se teologiza, mas aquilo pelo qual teologiza; não é a matéria-prima, mas os meios de produção” (BOFF, 1998, p. 126).

3.3 Ruptura com a TdL?

Diante do exposto, ainda que Clodovis afirme que esteja buscando fundar melhor a epistemologia e o método da TdL, muitos se perguntaram se ele não está rompendo com ela. Mas, em seu artigo-réplica, no ano seguinte, ele é categórico: “não rompi, não quero e nem posso romper com a causa de fundo da TdL”. Já com respeito “ao modo como a causa foi implementada na atual TdL, aí tomo distância”. E a razão é de fundo: “nessa corrente não vejo mais garantido, em geral, o fundamento de toda teologia – o Cristo da fé”. Com isso, “não mudei de posição em absoluto”, pois “sempre defendi, sem solução de continuidade, uma TdL assentada, sem equívocos, no *fundamento cristológico*” (BOFF, 2008b, p. 893).

Para Clodovis, “a razão da dificuldade dos teólogos da libertação pôr Deus como fundamento” está em seu “*pathos* fundamental – a paixão pelos pobres”, Conseqüentemente, “o que os move é a indignação ética frente ao drama da pobreza” e não a fé em Jesus Cristo (BOFF, 2008b, p. 915). A causa disso é o “clima filosófico cultural moderno e pós-moderno, que privilegia a *imanência* e se mostra avesso ao pensamento da transcendência”, fazendo com que “o teólogo moderno já não disponha de *capacidade metafísica*” (BOFF, 2008b, p. 918).

3.4 A proposta: voltar ao fundamento

Para Clodovis, a “questão decisiva” na TdL atual é “o ponto de partida formal ou fundante da teologia”. Para ele, “a fonte originária da teologia não é outra senão a fé em Cristo”. E continua: “e desta *arché*, a fé em Cristo, abre-se a perspectiva verdadeira de toda teologia autenticamente cristã – ver tudo *à luz da fé*” (BOFF,

2007, p. 1013; 1998, p. 114; p. 124-125). A ótica dos pobres “se põe essencialmente dentro de uma ótica anterior e maior, que é a fé cristológica”. Esta “não é aí apenas pressuposto, mas sustenta o discurso pastoral inteiro” (BOFF, 2007, p. 1013). O Cristo da fé é o “fundamento *último e determinante, principium* primeiro e regente, a arché originária da teologia, seu centro” (BOFF, 2008b, p. 844). É preciso “distinguir o nível epistemológico do nível teológico”. Segundo ele, os teólogos da libertação costumam afirmar – “Deus se revela no pobre; o pobre é o lugar privilegiado para conhecer e encontrar Deus”. Entretanto, isso “não tem valor doutrinal, mas espiritual”. Pois, “só o Verbo encarnado, como Palavra encarnada é, em teologia, o princípio *científico*, no sentido que faz conhecer”. O pobre seja ele tomado “como tema, seja como ética, está sempre sob a regência de Cristo” (BOFF, 2008b, p. 896).

Segundo Clodovis, “o primado absoluto de Cristo nos situa, não já no campo da teologia, mas da pré-teologia” (BOFF, 2008b, p. 897). O teólogo, o que faz, “em primeiro lugar, é confessar a senhoria de Jesus, submetendo-se a ela; depois, vai discutir todo o mais, inclusive a libertação dos pobres”. Não se pode perder de vista que “o método remete à teologia e esta remete finalmente à vida de fé” (BOFF, 2008b, p. 899; BOFF, 1998, p. 120, p. 122). O primado de Cristo está presente no itinerário da fé, tanto que “o que se pede, de modo explícito, para pertencer à Igreja é a fé em Jesus; os pobres vêm mais tarde, como desdobramento, de natureza, sobretudo ética” (BOFF, 2008b, p. 900). Esta é a lógica: “o princípio-Cristo dá em cristianismo; o princípio pobre só pode dar em *pobrismo*” (p. 901). Como também a dialética do cristianismo Cristo-pobre, articulada desde o pólo da fé: “no rosto de Cristo *conhecemos* o pobre e no rosto do pobre reconhecemos a Cristo” (BOFF, 2008b, p. 902). Quando Bento XVI afirma que “a opção pelos pobres está implícita na fé cristológica”, está afirmando que está “embutida” n’Ele, pois “o pobre originário é Cristo”. É preciso ter presente que “Cristo sempre carrega consigo o pobre; o pobre, nem sempre” (BOFF, 2008b, p. 903). Entretanto, os teólogos da libertação “não aceitam colocar os pobres em segundo lugar; eles os veem sempre junto com Deus e Deus junto com eles, sem distinção” (BOFF, 2008b, p. 907).

Para Clodovis, na realidade, “os teólogos da libertação confundem *princípio* de conhecimento como *começo* ou *ponto de partida* meramente prático e temporal”. Entretanto, não se pode perder de vista o que se dá no método ver-julgar-agir: “o ver é apenas *começo*, enquanto que o *princípio* está manifestamente no *julgar*, tomando-se a Palavra como princípio de discernimento e de vida” (BOFF, 2008b, p. 911)¹⁹. Para ele, no modo como os teólogos da libertação procedem teologicamente, “de um lado, absolutizam o pobre, como se a relação Deus-pobres não fosse livre; e, de outro, desabsolutizam o Absoluto, como se Este estivesse sempre condicionado ao pobre” (BOFF, 2008b, p. 913). Não se pode ignorar que “toda teologia é contextual na linguagem, mas, de modo nenhum, na mensagem”, pois, “a fé, mesmo estando na história, não é da história” (BOFF, 2008b, p. 914).

3.5 A TdL, uma teologia parcial

Clodovis Boff termina sua proposta de “refundação epistemológica” da TdL, re-situando-a no seio da teologia enquanto tal. Nesta terceira fase de seu pensamento, ele volta a distinguir entre uma Teologia 1 e uma Teologia 2, tal como havia feito na primeira fase e perdido de vista na segunda. Agora, para ele, “a dimensão libertadora é parte integrante e constitutiva da fé cristã, mas não é a parte principal” (BOFF, 2008b, p. 919). Consequentemente, “a TdL é parcial”; é preciso afastar a pretensão de fazê-la “uma teologia total, como extensiva a todo o mistério cristão”. Não se pode perder de vista que “a TdL é uma ótica particular dentro da ótica maior da fé” (BOFF, 2008b, p. 924). Assim, “o método da TdL constitui o *dispositivo social* do *órganon teológico*, sem pretender, de modo nenhum, ser o próprio *órganon teológico* por inteiro” (BOFF, 2008b, p. 925).

¹⁹ J. Cardjin, fundador da Ação Católica especializada, a Juventude Operária Católica (JOC), e criador do método ver-julgar-agir, em seus primórdios, na medida em que tomava os três passos eram independentes um do outro, embora dissesse que se partia do “ver”, na realidade, partia do “julgar”, pois se via a realidade apoiado na sociologia religiosa, espiritualizando-a. Utiliza-se o método de forma dedutiva. Na década de 1940, com suas viagens na América Latina, introduziu na trilogia a noção de “revisão de vida”, que produziu na trilogia uma relação dialética: o “agir” é uma introdução ao “ver” (partir da ação), que apoiado nas ciências, vai ao “julgar” carregado das perguntas emergentes do contexto, causando um impacto sobre a Palavra revelada, que por sua vez, emite uma luz sobre a mesma, causando também um impacto sobre ela e desembocando num agir fiel aos desafios da realidade e aos desígnios da fé (voltar à ação). Aqui, utiliza-se o método de forma dialética, articulada desde o pólo da ação, da experiência da fé.

Para Clodovis, se poderia entender a “nova colocação epistemológica da TdL”, que ele está propondo, de dois modos: *TdL como uma teologia temática* – entendendo-se “a libertação como um *tema* específico”, o que é legítimo, desde que “estiver enquadrado no contexto transcendente da fé”; ou a *TdL como uma teologia dimensional* – tomando-se “a libertação como tema transversal de toda e qualquer teologia”. Neste caso, “não seria TdL, mas teologia com dimensão libertadora” (BOFF, 2008b, p. 925). Segundo ele, a TdL como *teologia dimensional* é mais adequada que o outro conceito, “por assentar-se de modo mais firme e mais claro no fundamento da fé e por inserir-se no horizonte maior da mesma fé” (BOFF, 2008b, p. 926).

Apreciações críticas em forma de conclusão

A proposta de *refundação epistemológica* da TdL, feita por Clodovis Boff na terceira fase de seu pensamento, acena pelo menos para dois elementos básicos, que merecem debate e aprofundamento maior: primeiro, propõe que na articulação do discurso teológico se deve partir de Jesus Cristo como princípio primeiro e regente, tendo a opção pelos pobres como princípio segundo e regido, dado que a dimensão libertadora é parte integrante da fé cristã, mas não é a parte principal; segundo, como a libertação é um tema ou uma dimensão específica da fé cristã, a TdL só poder ser uma teologia parcial, um “discurso de segunda ordem”, uma Teologia 2, que supõe em sua base uma *teologia primeira*, uma Teologia 1. Estes dois elementos remetem a duas questões básicas: uma epistemológica, relativa à racionalidade do discurso teológico e outra teológica, que tem a ver com a relação fé e vida, transcendência e imanência, revelação e história, Igreja e mundo.

Racionalidade moderna e discurso teológico

O novo posicionamento de Clodovis Boff remete a uma razão de fundo, que ele mesmo atribui como causa da “atual ambiguidade epistemológica”, acerca do fundamento do discurso teológico na TdL: “o cedimento ao espírito da

modernidade”. Talvez aí esteja uma das chaves para compreender sua postura última. O teor do juízo sobre a modernidade e sua crise é muito revelador: à tese da cristandade sobrenaturalista, erigiu-se a antítese da modernidade antropocentrista (BOFF, 2007, p. 1008), à qual também a teologia cristã cedeu, “sem clara consciência de seu preço para a fé”. Ela o fez com o movimento modernista e a teologia transcendental de K. Rhaner, frente aos quais “De Lubac, Von Balthasar e Ratzinger, mantiveram uma distância suspeitosa”. Conseqüentemente, para Clodovis, na TdL, no centro, foi colocado não “simplesmente o homem, mas o homem pobre”, suplantando o antigo Centro da fé” (BOFF, 2007, p. 1009). À continuação, “da inversão antropocêntrica, seguiu-se a instrumentalização da razão”, da qual, “não escapou sequer a religião”. Nem a TdL “se viu livre da tentação de politizar a fé”, vista, antes de mais nada, “como função da libertação dos pobres”. Com isso, “a religião politizada foi-se dissolvendo na própria política” e a TdL “que *consume* a fé cristã sobretudo para a política, se arrisca de *consumir* essa fé e também a si mesma” e, com isso, “a *libertação* pode devorar a *teologia*” (BOFF, 2007, p. 1010). Em resumo, “a *irrupção do mundo* no espaço eclesial envolveu o risco de *mundanização* da teologia, assim como a *irrupção dos pobres* fez em relação à teologia latino-americana” (BOFF, 2007, p. 1011).

Como se pode constatar, o debate em torno à questão da “volta ao fundamento” no seio da TdL remete, em última instância, ao debate relativo à crise da modernidade ou mais propriamente à crise da racionalidade moderna. Desta crise, se apresentam pelo menos três hermenêuticas, que se configuram em projetos históricos distintos, com repercussões também no seio do labor teológico: a crise da modernidade como anti-modernidade, que nos obriga a abjurá-la e fazer do passado um refúgio; a crise da modernidade como pós-modernidade, que nos condena à razão débil e emocional; e a crise da modernidade como sobre-modernidade ou modernidade-tardia, que nos leva a desconstruí-la e, com os fios de seus valores, tecer uma terceira ilustração, capaz de integrar os novos valores emergentes. Entre “volta ao fundamento” e “volta às fontes”, impõe-se uma distinção, sob pena de se revisitar o passado, fazendo dele um refúgio. Será preciso

distinguir entre outros: valores da modernidade e exasperação de seus valores; afirmação do ser humano em sua autonomia e antropocentrismo; morte da metafísica pré-moderna e negação da transcendência; relação dialética e afirmação do indutivo em detrimento do dedutivo.

A história como “lugar teológico”

A segunda questão de fundo é o modo de relação entre o natural e o sobrenatural, entre imanência e transcendência. A teologia tradicional, circunscrita à racionalidade pré-moderna e ao esquema mental neo-escolástico, considerava ambas as realidades como que separadas ou sobrepostas. Segundo a *Gaudium et Spes* (PAULO VI, 1976), não se trata de “duas realidades completas em si mesmas” (GS, 2), pois há uma “compenetração da cidade terrena e da cidade celeste” (GS, 40). No fundo, trata-se de ver o que se entende por “sinais dos tempos”, categoria bíblica que João XXIII utilizou para convidar os cristãos a discernir a presença de Deus nos acontecimentos históricos: trata-se de “sinais” que vêm diretamente de Deus, provêm dos próprios acontecimentos históricos ou “sinais” de Deus que vêm através da história, discernidos à luz do evangelho? Em outras palavras, tais “sinais” são verdadeiramente dos tempos ou é a luz do evangelho que os converte como tais?

Segundo a *Gaudium et Spes*, estes “sinais” vêm da própria história, perscrutados à luz do evangelho, mas, por sua vez, estes sinais são necessários para interpretar em profundidade o evangelho, sob pena de reduzi-lo a letra morta. São os sinais dos tempos e a resposta a eles que constituem um pressuposto da correta interpretação da Palavra e não o contrário. É nesta perspectiva que João XXIII situa esta correlação, quando afirma que, no momento histórico atual, os desígnios de Deus estão se manifestando “através” dos acontecimentos e das próprias obras humanas. Isso remete a uma nova relação entre Igreja e mundo, não como duas realidades separadas, completas em si mesmas, Igreja “e” mundo, mas Igreja “no” mundo, a Igreja reconhecendo-se a si mesma como realidade inserida na história. Como afirmou Paulo VI, em *Ecclesiam Suam* (Paulo VI, 1964), antes de falar de

distinção entre a Igreja e o mundo, é preciso falar de “convergência” prévia numa só humanidade. Esta é uma questão primeira, não segunda, que afeta a constituição da Igreja em sua própria identidade.

Assim, toda separação ou distanciamento da história precisam ser vistos como um risco de perda de identidade para a própria Igreja. A revelação não é um conjunto de “verdades” sobrenaturais que caíram na história, mas manifestação de Deus “nos” acontecimentos históricos. A própria fé está circunscrita a uma configuração histórica particular, o que nos obriga a ler “na” própria história a manifestação de Deus. É neste sentido que a história é “lugar teológico”. O ser humano é também constitutivo da revelação, na medida em que ela se deu na experiência de fé de um povo, sob a inspiração do Espírito. A condição para que haja comunicação de Deus com o ser humano é que ela se dê de modo humano, através do humano, no humano. A Palavra de Deus nos chega sempre mediada pela contingência e a precariedade da história. Isso não compromete a transcendência de Deus, antes livra a revelação de tornar-se uma ideologia. Não se salva a transcendência de Deus, desconectando-o da experiência da fé. A teologia, a rigor, não é o discurso de Deus, mas o discurso sobre o Deus revelado na experiência de fé de um povo, um discurso, portanto, não absoluto, mas sobre o Absoluto, que se faz presente no relativo. Como afirmou Paulo VI, para conhecer a Deus, é preciso conhecer o ser humano e para conhecer verdadeiramente o ser humano, é preciso conhecer a Deus, que sempre nos chega não “apesar”, mas “através” do humano.

REFERÊNCIAS

- AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Clodovis Boff e o método da TdL: uma aproximação crítica, **REB**, Petrópolis, v. 68, n. 271, p. 597-613, 2008.
- BOFF, Clodovis. Como vejo a teologia trinta anos depois. SUSIN, L. C. (Org.), **O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina**. São Paulo: Loyola, 2000. p. 79-85.
- BOFF, Clodovis. Epistemología y método de la teología de la liberación. ELACURÍA. I; SOBRINO. J. **Mysterium Liberationis I**, Madrid: Trotta, 1990a. p. 79-114.
- BOFF, Clodovis. Retrato dos 15 anos da Teologia da Libertação. **REB**, Petrópolis, v. 46, n. 182, p. 263-271, 1986.
- BOFF, Clodovis. Teologia da Libertação e volta ao fundamento. **REB**, Petrópolis, v. 67, n. 268, p. 1001-1022, out. 2007.
- BOFF, Clodovis. Teologia e prática. **REB**, Petrópolis, v. 36, n. 144, p. 789-810, 1976.
- BOFF, Clodovis. **Teologia e Prática**. A Teologia do Político e suas mediações. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOFF, Clodovis. Préface. In: BOFF, Clodovis. **Théorie e Pratique. La méthode des théologies de la libération**. Cogitatio Fidei 157. Paris: Les Éd. du Cerf, 1990b. p. I-XIV.
- BOFF, Clodovis. Volta ao fundamento: réplica. **REB**, Petrópolis, v. 68, n. 272, p. 892-927, out. 2008b.
- BOFF, Leonardo. Pelos pobres contra a estreiteza do método. **REB**, Petrópolis, v. 68, n. 271, p. 701-710, 2008a.
- BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Como fazer teologia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BRIGHENTI, Agenor. Raíces de la epistemología y del método de la teología latinoamericana. **Medellín**, Santafé de Bogotá, v. 20, n. 78, p. 207-254, 1994.
- BRIGHENTI, Agenor. **Raíces da epistemologia e do método da Teologia da Libertação**. O método ver-julgar-agir da Ação Católica e as mediações da teologia latino-americana. 1993. 544 p. Tese (Doutorado) em Teologia e Ciências Religiosas. Universidade Católica de Louvain, Bélgica.
- CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965. Constituição Gaudium st Spes. In: CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965. **Compêndio do Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1968. p. 141-256.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação.** Libertatis Conscientia. São Paulo: Paulinas, 1986.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação.** São Paulo: Paulinas, 1986.

JOÃO PAULO II. Carta aos Bispos do Brasil. **REB**, Petrópolis, v. 46, n. 182, p. 396-402, Petrópolis, 1986.

JOÃO PAULO II. Carta do Papa João Paulo II aos Bispos da Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil. 09 abr. 1986. Disponível em:

<http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/1986/documents/hf_jp-ii_let_19860409_conf-episcopale-brasile_po.html>. Acesso em: 31 ago. 2013.

MESTERS, Carlos. **Por trás das palavras.** 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PAULO VI. **A evangelização no mundo contemporâneo: 'Evangelii Nuntiandi'** 8 de dezembro de 1975. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1976.

PAULO VI. **Carta encíclica: Ecclesiam suam** de sua Santidade Paulo VI sobre os caminhos da igreja. 3. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1964.

PAULO VI. **Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi:** ao episcopado, ao clero, aos fiéis de toda a Igreja sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 3d. São Paulo: Paulinas, 1976.

SUSIN, Luiz Carlos; HAMMES, Érico João. A Teologia da Libertação e a questão dos fundamentos: em debate com Clodovis Boff. **REB**, Petrópolis, v. 68, n. 270, p. 392-406, 2008.